

82.09
B8622
Ex 1
C 92569131

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 00114540
Data 25 / 05 / 2005
() Compra (x) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA. E EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ENQUANTO AGONIZO: UMA ANÁLISE SOBRE OS CONFLITOS EXISTENCIAIS
HUMANOS

Clayton Farias de Brito

Pontes e Lacerda – MT

2004

Clayton Farias de Brito

ENQUANTO AGONIZO: UMA ANÁLISE SOBRE OS CONFLITOS EXISTENCIAIS
HUMANOS

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

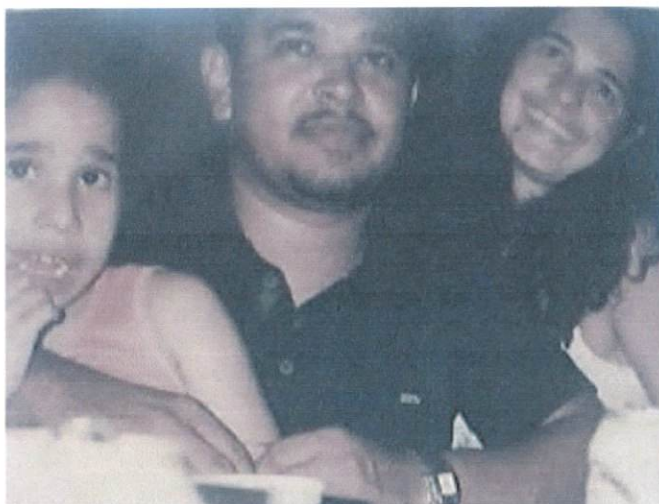
Orientadora: Vanderluce Moreira Machado Oliveira

Pontes e Lacerda – MT

2004

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora.

Local e data da aprovação



(Foto da família abençoada por Deus)

Dedico este ensaio monográfico à minha esposa Klelma Parreira Gouveia Brito e filha Laura, que me acompanharam na realização desse sonho.

Agradeço, a Deus, por ter me capacitado e me sustentado durante esses longos quatro anos na busca pelo conhecimento. Aos professores, que tiveram paciência e dedicação ao mostrar os caminhos para que alcançasse um pouco do saber, em especial a Prof^a. Vanderluce Moreira Machado Oliveira, que muito contribuiu para o meu crescimento. Aos meus pais que foram sábios me iniciando na vida escolar, incentivando e investindo nos meus estudos, pois tinham a concepção que o estudo era a maior herança que poderiam me oferecer. Aos meus colegas da faculdade, que sempre dispensaram a mim o apoio moral nos momentos em que estava desanimado e pensando em desistir. Obrigado por me incentivar a prosseguir na caminhada.

Qualquer um que tenha investigado a história de uma ciência particular encontra na sua evolução um fio condutor para a compreensão dos processos mais antigos e comuns de todo o “saber e conhecer.”

(Friedrich Nietzsche)

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
INTRODUÇÃO.....	08
ENQUANTO AGONIZO, A HISTÓRIA.....	09
ENQUANTO AGONIZO: UMA ANÁLISE SOBRE OS CONFLITOS EXISTENCIAIS HUMANOS.....	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

RESUMO

Este ensaio monográfico aborda uma análise da obra "Enquanto Agonizo" (1930) do escritor norte americano William Faulkner, em que é exposto a fragilidade do ser humano que vive num sistema brutal. Analisamos os membros da família Bundren, que vivem de forma precária, condicionada a viver resultante da situação social a que se encontra inserida, levando-os a conviverem juntos, mas ao mesmo tempo individualizados, em que cada membro da família se isola procurando resolver seus problemas sem que haja uma ação recíproca no meio familiar.

O texto fala também sobre a angústia e conflitos existenciais que atinge o homem pós-moderno, que vive numa infundável busca de preencher o vazio que lhe atormenta. Narra a angústia do homem em ser livre para decidir sobre o sentido que tomará para sua vida, uma vez que essa mesma liberdade o condena, pelo fato de ser o único responsável por sua decisão, seja ela certa ou errada.

Neste trabalho, expõe-se que o homem pós-moderno tem sua identidade fragmentada, deslocada, pois nessa sociedade o homem não possui uma única e sim várias identidades, uma vez que essa é a maneira que encontrou para se adaptar na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernismo, Existencialismo, Identidade.

INTRODUÇÃO

Neste ensaio monográfica será evidenciado as aflições do homem pós-moderno, presente na obra "Enquanto Agonizo" (1930) do escritor norte americano William Faulkner, enfatizando os conflitos existenciais que atinge o homem contemporâneo, gerando uma decentração ou um deslocamento de sua identidade, não só no seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, provocando uma crise de identidade.

Juntamente com essa observação, será feita uma abordagem em torno da influência do período do humanismo liberal sobre o homem, que tinha a concepção que o indivíduo era totalmente dotado de capacidade de razão, de consciência, e que era um ser centrado, unificado, religioso, que primava pelo moral e pela identidade sólida, conceitos que ainda hoje influencia a nossa sociedade.

A análise da obra mostra alguns pontos que testifica os conflitos existenciais e a angústia do ser humano em ser livre para decidir, porém, ao mesmo tempo é condenado por ser livre, visto ser o único responsável pelas conseqüências de sua decisão. Nela, será observado também, que o homem tenta demonstrar que não é possuidor dessa liberdade, escondendo-se na Religião, no sistema, na sociedade, nos conceitos e preconceitos.

Objetiva-se com este trabalho, colaborar para amenizar a inquietação do homem, que busca resposta sobre sua existência no mundo. No entanto, sabemos que essa busca é interminável, ainda que por séculos e séculos muitos filósofos vêm estudando o homem e sua existência.

ENQUANTO AGONIZO, A HISTÓRIA

Publicado em 1930, "Enquanto Agonizo" de William Faulkner narra a odisséia de uma família pobre do Sul dos Estados Unidos, que percorre o interior do Mississippi com o objetivo terminante de sepultar Addie, a matriarca da família Bundren na cidade de Jefferson, pois era seu último desejo. Addie, na agonia da morte, persuade seu esposo Anse, e o leva a prometê-la que ao morrer a sepultaria em Jefferson, local onde se encontravam sepultados seus familiares.

O romance inicia-se com Cash, o mais velho dos cinco filhos do casal, serrando as tábuas para a construção do caixão, construído em frente da janela do quarto no qual a Sr^a Bundren agonizando vegetava. O tempo não parava, e a cada dia que passava era um dia a menos de vida. Enquanto o filho caçula Vardaman crescia com o passar do tempo a vida de Addie desvanecia no decorrer das horas. O mundo ia se distanciando cada vez mais do alcance de Addie, a qual tinha os olhos fitos apenas na construção rústico e artesanal da urna fúnebre que Cash construía passo a passo e com todo cuidado, pois tratava-se do recipiente no qual seria depositado os restos mortais de sua genitora tão logo o brilho da vida tivesse se esvaído.

Depois do falecimento de Addie, a família embarca numa viagem longa, iniciando-se a odisséia da família Bundren, cheia de cenas heróica, no entanto, apresenta também situações cômicas e patéticas.

Na longa viagem, a família passa por grandes dificuldades, principalmente ao atravessarem o rio e fogo carregando o caixão. Todas essas tormentas não os levam a desistir, uma vez que a promessa haveria de ser cumprida, pois para eles tratava-se de algo sagrado. Os problemas que surgiram na viagem bem como os desgastes físicos e a distância que parecia não ter fim vão sendo superados. A marcha fúnebre prossegue, seguida do alto por um bando de urubus, que vão lhes acompanhando guiados pelo mau cheiro que o corpo da matriarca exalava ao se decompor gradativamente.

Em meio aos inúmeros obstáculos encontrados no trajeto até Jefferson, e mesmo diante das conseqüentes desavenças familiar, depois de nove dias de uma viagem exaustiva, eles conseguiram finalmente realizar o desejo da matriarca, que era repousar junto a sua própria gente. Após o ritual funesto, cada membro da família Bundren prossegue com sua vida medíocre e individualista, com exceção de Darl que teve a liberdade cerceada e, aprisionado foi levado para Jackson, tendo em vista sua própria

família tê-lo declarado esquizofrênico, pelo fato dele ter ateado fogo no celeiro onde estava o caixão, com o único fim de incinerar os restos mortais de sua mãe. Addie e Darl são esquecidos, permanecendo num passado bem recente, enquanto que Anse realiza seus dois grandes sonhos, compra uma dentadura e se casa novamente. Dewey Dell por sua vez tenta interromper sua gestação, vai a procura de um médico para lhe vender medicamento que provocasse o aborto, mal sabe ela que pediu ajuda a um falsário que deseja apenas se aproveitar da sua inexperiência, por tratar-se de uma interiorana do Mississippi.

ENQUANTO AGONIZO: UMA ANÁLISE SOBRE OS CONFLITOS EXISTENCIAIS HUMANOS.

William Faulkner em sua obra “Enquanto Agonizo” (1930) retrata a história de uma família imersa a vários conflitos, evidenciando a fragmentação e a fragilidade do ser, isto de uma forma inovadora. Com base em estudos da obra, abordaremos neste ensaio monográfico a questão da existência do ser enquanto homem e sua fragilidade.

Nessa obra, o autor narra a história da família Bundren, família pobre do sul do Estados Unidos, que está condicionada a viver resultante da situação social que lhe é colocada. Nela, cada membro da família luta por um ideal de uma forma isolada, postura própria da sociedade pós-moderna, na qual cada sujeito é composto não de uma, mas de várias identidades, ou seja, o sujeito não tem identidade fixa, procura se adaptar conforme suas necessidades, assumindo identidades deferentes em diferentes momentos, como vemos:

A identidade torna-se uma “celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...) de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2002, p. 23)

Esse deslocamento ou decentração da identidade do sujeito é responsável por essa “crise de identidade” que se encontram envolvidos os membros da família Bundren, isolados ainda que trabalhando juntos, ou seja, os corpos estão unidos, mas os pensamentos e os objetivos estão separados, individualizados, sem nenhuma perspectiva coletiva. Isso faz com que todos reflitam sobre o sentido da própria vida, de sua própria existência, atingindo cada um deles de uma maneira muito pessoal quanto à fragilidade da condição humana, como um ser existente, conforme estabelece Heidegger “(...) que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define” (in NOGARE, 1978 p. 155), questionando-se entre ser e nada, encontrando-se sem rumo, sem destino, em constante busca para uma definição, sendo o homem nada, mas em busca de algo. Para HEIDEGGER (2002) a existência precede a essência, isso quer dizer que o homem em sua existência está em busca de sua essência, a saber, é um eterno dever. Pode-se dizer que o homem vive uma seqüência interminável de escolhas,

sendo também o único responsável por suas próprias escolhas, uma vez que é livre para decidir, no entanto, sofrer a agonia ao ter que tomar uma decisão, apreensivo com as possíveis consequências.

Observa-se na obra de Faulkner, a angústia do ser através da matriarca da família Addie, que se encontra deitada em seu leito, numa espera agonizante da morte, observando seu próprio filho na construção do caixão, que servirá de depósito para o ultimo resquício de sua existência. "(...) Sob a colcha ela se move tanto quanto uma estátua, e a única maneira de saber se respira é pelo barulho do forro do colchão". (FAULKNER, 2001 p. 13). Essa angústia a condição humana não lhe permite solucionar, uma vez que esta aflição não se trata de uma cortina que nos separa da ação, e sim faz parte da própria ação. Sente angustiada ao pensar que nada a impedirá que morra e também pelo fato de não saber como será no momento seguinte, ou seja, no futuro imprevisível depois da morte, algo que não pode evitar. Para o existencialista o homem é angústia, a exemplo disso:

(...) o homem que se compromete e percebe que não é apenas aquele que escolher ser, mas que é também um legislador, escolhendo, ao mesmo tempo que a si mesmo, a humanidade inteira, não poderia escapar ao senso da sua total e profunda responsabilidade. (NOGARE, 1978, p. 157)

A aflição desesperadora da matriarca se reflete em todos os membros da família, mesmo depois de sua morte que deu fim a sua angústia, considerando-se que a morte é visto como o fim de todas as possibilidades, pois "O ser-para-a-morte é, essencialmente, angústia" (HEIDEGGER 2000, p.50). No entanto, HEIDEGGER não vê a morte como o fim da existência humana, como vemos:

O "finado" que, em oposição ao morto, foi retirado do meio dos que "ficaram para trás" é objeto de "ocupação" nos funerais, no enterro, nas cerimônias e cultos do morto. E isso porque, em seu modo de ser, ele é "ainda mais" do que um instrumento simplesmente dado no mundo circundante e passível de ocupação. Junto com ele, na homenagem do culto, os que ficaram para trás são e estão com ele. (HEIDEGGER, 2000, p. 18)

A morte serviu para Addie como subterfúgio para sua fragilidade e para seu sofrimento, pois "Ela estava velha, e doente também. Sofrendo mais do que imaginávamos." (FAULKNER, 2001, p. 49). Pode-se dizer que toda essa agonia é transferida aos seus entes que passam por momentos de desesperos acompanhando a urna fúnebre até a

cidade de Jefferson, onde Addie desejava ser sepultada. Mesmo que este desejo fosse quase impossível de ser realizado levando em conta as condições financeiras em que a família Bundren se encontrava, mas procuraram fazê-lo ainda que de maneira precária, pois, tinham que cumprir com a promessa feita a matriarca no seu leito de morte.

(...) “O senhor prometeu para ela” ela diz. “Ela não morreu até que o senhor tivesse prometido. Ela pensou que pudesse contar com o senhor. Se não cumprir a promessa, vai ser amaldiçoado” (...) “Eu prometi para ela. Ela não tira isso da cabeça. (...) “Foi para Addie que eu prometi,” ele respondeu. “Ela não tira isso da cabeça.” (Ibidem, pp. 99 e 100).

Anse depois de ter sido repreendido pela filha Dewey Dell de que teria que honrar com sua palavra, ele não viu outra alternativa se não a de cumpri-la, talvez pelo fato de conviver com pessoas religiosas tal como Tull e Cora, procurou não contrariá-las para não ser taxado como sendo um homem incrédulo e de coração endurecido e, talvez também temia que realmente sofreria um castigo divino ao descumprir uma promessa feita a uma pessoa que partiria para os céus, já que a sociedade em questão sofria forte influência do cristianismo, e sua filha o alertou da maldição que poderia lhe recair caso não cumprisse com a promessa, ou simplesmente estava preocupado em cumprir com sua palavra, mesmo sendo um homem egoísta e de caráter duvidoso, “Ninguém pode dizer que eu não estou tentando cumprir minha palavra, diz Bundren” (FAULKNER, 2001, p. 99) impulsionado também pelo desejo de ir a Jefferson com o propósito terminante de adquirir uma dentadura nova, demonstrando ser vaidoso ao preocupar-se com sua aparência física, talvez já intencionado em conquistar uma outra Sr^a Bundren.

Esta difícil viagem evidencia ainda mais a real situação em que se encontravam, atingindo profundamente o lado mais humano e mais fragilizado do ser em sua existência, a angústia de um futuro incerto. Não obstante, a essa angústia, uma certeza era evidente naquele momento, a morte, que é o fim de todas as possibilidades humanas, melhor dizendo, é a única possibilidade absoluta, considerando que o homem se depara com o inevitável, o incontrollável, o intransponível.

O corpo de Addie em estado de putrefação exalava mau cheiro, no entanto, parecia não incomodar aqueles que o acompanhava, vale lembrar, os membros da família, levando-nos a entender que estavam habituados com a podridão na qual se encontravam condicionados.

Nota-se claramente o desamparo da filha Dewey Dell, de 17 anos de idade, sentindo-se só no mundo ao saber de sua gravidez indesejada. Já não tinha mais a mãe para recorrer. Lafe, o pai da criança, de quem poderia conseguir apoio, não quis assumir tamanha responsabilidade. Não tinha ninguém para ouvi-la e orientá-la a respeito daquilo que se poderia fazer e como fazer, encontrava-se totalmente desorientada, e sem ter como justificar as circunstâncias que lhe sobreveio ao ter optado por uma decisão que lhe causara grande dano, visto que para os existencialistas a vida é uma seqüência infundável de escolhas, em que o ser humano é livre para fazê-las, mas também é responsável se a fizer erroneamente, visto acreditarem que todo indivíduo é capaz de escolher as suas atitudes, seus objetivos, valores e formas de vida. Dewey Dell incentivada por Lafe e fazendo uso dessa “liberdade”, procura um médico para lhe vender medicamento que provocasse o aborto. “Você tem alguma coisa na sua barriga que não queria ter” (FAULKNER, 2001, p. 209). Mal sabia ela que tudo que estava passando naquele momento era consequência da liberdade de escolha, de uma decisão equivocada que tomara anteriormente. Prova disso foi que ela mais uma vez pecou ao pedir ajuda a um falsário que desejava apenas se aproveitar da sua inexperiência, por tratar-se de uma jovem do meio rural, cujas pessoas eram de certa forma ingênuas, desprovidas de maiores conhecimentos, já que viviam em comunidades isoladas, distantes dos grandes centros, na qual as mulheres eram discriminadas vivendo as margens da sociedade aristocrática rural.

Observa-se claramente na obra que o autor faz crítica a aristocracia rural decadente. Não que o movimento pós-moderno tinha a intenção de apresentar soluções para os problemas apresentados, e sim pretendia trazer a tona à história dos silenciados, nesse caso, as mulheres que viviam numa sociedade machista; “(...) o pós-modernismo não pode ser considerado como um novo paradigma (...) Ele não substituiu o humanismo liberal, mesmo que o tenha contestado seriamente. No entanto, pode servir como marco da luta para o surgimento de algo novo.” (HUTCHEON, 1991, p.21).

A jovem Bundren tenta interromper sua gestação, e mais uma vez toma a decisão precipitadamente, pois, acreditava que esta seria a solução para seus problemas. Primeiro vencida pelos desejos da carne, da paixão, entrega seu corpo a um homem que não queria compromisso, consequentemente engravida-se, e para não escandalizar sua família resolve fazer o aborto, esquecendo-se dos princípios religiosos que aprendera com sua família que mostrava-se ser bastante religiosa. Tenta sem hesitar, sem qualquer constrangimento ou consciência de culpa transgredir um dos mandamentos divino que é

o pecado de homicídio, vale lembrar o aborto. Por fim, ela sem ter dinheiro suficiente para comprar o medicamento abortivo passa a se prostituir ao vender seu próprio corpo a um homem desconhecido e inescrupuloso, aprofundando-se cada vez mais em situações que a levaria a condenação aos olhos Deus e também aos olhos do homem, visto que para os religiosos tirar a vida de uma criança era algo horrível e certamente inaceitável. No entanto, Dewey Dell mergulhada em seu próprio inferno parecia não se importar com a verdade moral ou regras preestabelecidas, ainda que se encontrava inserida numa sociedade influenciada pela cultura e pelas certezas propagadas pelo humanismo liberal, que tinha como princípio fundamental o valor, o sentido, o controle, a ordem e a identidade, como afirma Victor Burgin:

É claro que as moralidades e as histórias são “relativas”, mas isso não quer dizer que não existam” (1986, 198). O pós-modernismo tem o cuidado de não transformar o marginal num novo centro, pois sabe – nas palavras de Burgin – que ‘[o que] expirou foram as garantias absolutas oferecidas por sistemas metafísicos tiranizantes’ (in HUTCHEON, 1991, p. 30)

A verdade absoluta exteriorizada pelo humanismo já não era tão absoluta para a jovem Bundren. Apesar de não o negar, ela rompe com o moral, confronta e contesta os conceitos puristas do humanismo liberal, classificado como cultura dominante, contrariando os conceitos preconcebidos. Naquele momento tinha a concepção de que era dona do seu próprio corpo e se achava no direito de decidir fazer o aborto ou não, mesmo que futuramente pagasse um preço altíssimo por ter tomado uma decisão ousada e corajosa.

Todo esses acontecimentos são adventos da liberdade que estava ao alcance da jovem Dewey Dell, a qual criou seu próprio destino, talvez pelo fato dela estar desprovida de opções, uma vez que era uma jovem de 17 anos de idade, encontrava-se gestante e sozinha numa sociedade machista que a descriminaria duramente, achando-se condenada por ser livre.

(...) condenado, porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer. O existencialismo não crer na força da paixão. Não pensará nunca que uma bela paixão é uma corrente devastadora que conduz fatalmente o homem a certos atos e que, por conseguinte, é uma desculpa. Ele pensa que o homem é responsável por sua paixão. (NOGARE, 1978, p. 158)

Percebe-se os conflitos existencialista em cada um dos membros da família a exemplo disso Jewel com seu jeito selvagem, era ambicioso, sem sentimentos, egoísta não preocupava com nada, pensava apenas no seu bem estar e em ganhar seu dinheiro sem que fizesse o menor esforço; “E Jewel não ligava para nada, nem mesmo para sua família, como se não fizesse parte dela” (FAULKNER, 2001, p.28). Era tal como Anse que faria de tudo para conseguir ganhar qualquer quantia de dinheiro, ainda que o valor fosse irrisório; “(...) Mas por nada deste mundo Anse e Jewel deixariam de ganhar aqueles três dólares” (Ibidem, p. 24). Preocupavam-se em resolver seus problemas pessoais, ignorando os problemas daqueles que os cercavam. Com esses mesmos adjetivos crescia Vardaman, de coração duro como os outros. Darl, afamado como sendo preguiçoso, era o único que parecia realmente amar sua mãe; “(...) mas que era entre ela e Darl que existia entendimento e amor verdadeiro” (Ibidem, p. 27), sentimento este nobre. Com sua forma peculiar de se expressar e de pensar não era compreendido pelos outros, talvez pelo fato de que suas idéias estavam muito além dos pensamentos medíocre daquela gente, que por conta disso o considerou como sendo louco. Dewey Dell, limitava-se em se preocupar com sua gravidez acidental, enquanto que Anse preocupava como faria para conseguir uma dentadura nova, nem dando conta que a mulher que o acompanhara por longas datas estava prostrada em um leito a espera que Deus levasse sua vida. Cada um de maneira individualizada procura adequar suas identidades conforme as necessidades pessoais daquele momento. Vale lembrar que no romance de Faulkner cada personagem conta sua história ou a do outro em forma de monólogo em “flashback”. Quebra com o tempo cronológico linear, de modo que cada personagem vive uma particularidade em seu privado espaço construído pelo autor, conforme vejamos: “As I Lay Dying” temos toda a realidade de um mundo e de uma comunidade humana – uma quebra total da participação direta do autor do tipo onisciente.”(BRASIL, 1992, p.153), ou seja, Faulkner consegue fragmentar a linearidade da maneira nova de narrar, com isso, afasta aqueles autores clássicos que eram onisciente e discursivo.

Portanto, observa-se outra marca do existencialismo na obra, que atingem o ser em sua fragilidade de tal forma que tornam as pessoas duras, inescrupulosas, egoístas e agressivas com sua própria família. Talvez seja consequência desse sistema brutal, atropelado pelo capitalismo tardio no qual o homem está aprisionado, libertar-se ou não é uma escolha dele. O existencialismo “(...) coloca o homem num mundo desprovido de qualquer sentido, desolado, absurdo, tirando-lhe por isso qualquer motivação para agir.

O homem (...) não para exaltar-se, mas para compadecer-se de si próprio” (NOGARE, 1978, p 154).

Anse, chefe da família Bundren, deixou se abalar e condicionar pela sociedade capitalista, o qual juntamente com sua família é levado ao total condicionamento. Acomoda-se com a situação, não busca meios para livrar-se do flagelo a que se encontrava, limita-se apenas em queixar de si e do mundo, na esperança que Deus irá prover suas necessidades. “(...) sem um dente na boca, esperando ganhar o suficiente para conseguir arrumar minha boca e poder comer os alimentos de Deus como um homem deve fazer.” (FAUKNER, 2001, p. 37), condições estas muitas vezes marginalizadas pelo próprio homem que é transformado pela situação subumana de sobrevivência na qual está inserido. Todo indivíduo idealiza seu próprio desígnio de vida, não contando com os fortuitos da existência humana, pois todo, “(...) homem não é se não o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é, portanto nada mais do que o conjunto de seus atos, nada mais do que a sua vida.” (NOGARE, 1978, p. 160)

Observa-se que o homem está sempre em busca de preencher o vazio que lhe permeia, seja esta no campo material ou espiritual, talvez pelo fato do ser humano nunca estar pronto e acabado e sim, em constante construção, a exemplo disso o personagem Anse que procurava em Deus ajuda para preencher esse vazio e para transpor os obstáculos e assim conseguir conquistar seus objetivos. Anse acreditava que a vida miserável a que estava condicionado seria recompensado nos céus, onde todos os homens serão iguais bem como será tomado os bens daqueles que têm para repassar para aqueles que não têm. Ele se prende na religião, com objetivo de negar que é livre para decidir lutar ou não por seus ideais. Tenta se convencer que suas atitudes e ações são determinadas pela situação a que se encontra, ou seja, por causa da religiosidade, ou por qualquer outra circunstância alheia a sua vontade. Esse posicionamento covarde do patriarca tem por finalidade fugir da angústia da escolha, e assim, encontrar repouso e segurança na confortável ilusão de ser uma essência acabada, que não tem necessidade de ir em busca de mais nada, pois essa busca seria inútil, já que está condenado a viver da forma como se encontra e que tudo está nas mãos de Deus, o qual é o controlador de seu destino, vejamos:

Não que acreditamos que Deus exista; pensando antes que o problema não está aí, no da sua existência: é necessário que o homem se reencontre a si próprio e se convença de que nada poderá salvá-lo de si mesmo, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus. (NOGARE, 1978, p. 163)

Darl por sua vez não via em Deus a solução para seus problemas, ele tinha personalidade diferenciada dos demais, estava muito à frente do seu tempo, no entanto, na visão do homem ele partiu da lucidez para a insanidade, simplesmente pelo fato de não ter um comportamento passivo e hipócrita. Ele não concordava com a visão que sua família tinha em relação ao mundo, em relação à existência humana, ou seja, seus pensamentos ia de encontro com as normas preestabelecidas, recebendo o título de demente, porém, fica uma dúvida:

Às vezes não tenho tanta certeza de quem tem o direito de dizer quando uma pessoa está louca e quando não. Às vezes penso que nenhum de nós é totalmente louco e que nenhum de nós é totalmente são até que o nosso equilíbrio diga ele é desse jeito. É como se não importasse o que o sujeito faz, mas a forma como a maioria das pessoas o vê quando ele faz. (FAULKNER, 2001, p. 200)

Darl questionava a loucura e a lucidez. Isso porque certo comportamento para uma pessoa pode-se caracterizado de loucura, mas para outra o mesmo comportamento pode ser caracterizado como normal. No entanto, em virtude do não cumprimento de regras e convenções preestabelecidas Darl foi subjugado como sendo escória da sociedade.

Talvez essa fosse a única saída que encontrou para se despedir do mundo insuportável que habitava. Darl sai de cena rindo, rindo, rindo; “(...) Darl foi para Jackson. Eles o colocaram no trem, rindo, dentro do longo vagão rindo,” (FAULKNER, 2001, p. 217), portando-se da mesma forma quando carregava a urna que depositava o corpo de sua mãe, rindo, rindo; “(...) Darl começou a rir. Sentado no banco ao lado de Cash, com sua mãe morta no caixão aos seus pés, rindo. Quantas vezes eu disse que são essas coisas que fazem os outros falar mal dele” (FAULKNER, 2001, p. 92). Este foi um dos motivos que levou as pessoas a acusá-lo de ser insano, pelo simples fato dele não conseguir controlar o seu riso diante de uma situação trágica, ou seja, desconsiderava as regras preexistentes na sociedade, que via nessa atitude de Darl como algo reprovável, pois como pode um filho sorrir com a morte da mãe quando para os padrões sociais o “normal” seria ele chorar? Conforme seu próprio pai o recrimina: “Não espero que você tenha nenhum respeito por mim,” digo. “Mas pela sua mãe que ainda nem esfriou no caixão” (Ibidem, p. 92), se o próprio pai o repreende por essa atitude, quanto mais as outras pessoas que não se compadecem com os problemas dos

outros, mas se intitulam como sendo pessoas corretas, sem nenhum distúrbio mental, e que se acham no direito de condenar ou não um ser humano, vejamos: “Aí é que eu acho que um homem ficou louco. Por isso ele não consegue olhar olho no olho com as outras pessoas. E acho que não há mais que se possa fazer com ele a não ser o que o pessoal diz que é o certo” (Ibidem, p. 200).

O autor tece uma crítica nessa sociedade que condenou Darl pelo descumprimento das regras. Atentando que essa sociedade é composta de pessoas hipócritas, tal como o pastor evangélico Whitfield que comete o pecado de adultério com Addie, mantendo com ela um caso amoroso secreto, que resulta no nascimento de Jewel, filho do pecado, protegido por Addie, pelo fato de ser fruto de um amor proibido.

Whitfield demonstra estar com remorso pela transgressão que cometera, pedindo a Deus que o perdoasse, no entanto se achava no dever de ir pessoalmente pedir perdão a Anse. No caminho da casa de Anse, Whitfield sente-se a angústia e o peso do pecado, da traição que cometera, a ponto de comparar a cena de sua traição com cena da traição de Judas, quando este no Jardim Getsêmani traiu Jesus Cristo com um beijo na face, porém, esta traição foi pelo fato que Judas assim como os Judeus esperava o Cristo Salvador, o Messias como sendo um homem poderoso que com um simples gesto os libertariam ao destruir o exército inimigo, a saber, o Império Romano. Mas segundo estudiosos da Bíblia Sagrada, Jesus Cristo veio salvar o homem não da escravidão política que se encontrava e sim salvar o homem de si mesmo. Já a traição do pastor Whitfield frente a Anse foi por causa do desejo da carne, ao cometer um pecado capital, o adultério.

Nota-se nesse trecho da obra que o autor faz uma intertextualidade com a Bíblia Sagrada, fazendo menção com história relatado em versículo bíblico que é o Jardim Getsêmani, artifício muito usado pelos autores pós-moderno, objetivando uma ruptura com os contextos estabelecidos, conforme comenta a autora:

(...) a noção de paródia como abertura do texto, e não como seu fechamento, é importante: entre as muitas coisas contestadas pela intertextualidade pós-moderna estão o fechamento e o sentido único e centralizado (...) A Intertextualidade tipicamente contraditória da arte pós-moderna fornece e ataca o contexto. (HUTCHEON, 1991, p. 166).

A intertextualidade ataca o contexto, proporcionando um determinismo liberal, ao expor todas as contextualizações, como sendo limitadas, limitadoras, arbitrárias e restritivas.

Whitfield, antes mesmo de concretizar seu desejo em pedir perdão a Anse e redimir de sua traição, sente-se aliviado ao saber que Addie morrera levando com ela o segredo que tanto o perturbava, achando-se livre do julgo que pesava sobre si, demonstrando que sua preocupação maior não era com o pecado ou com Deus, e sim preocupava-se como seria a reação das pessoas, o que iriam pensar sobre sua atitude pecaminosa. Certamente sabia que iriam condená-lo, não pelo simples fato de ter transgredido uma lei divina, e sim pelo fato de ser uma pessoa que se supõe ser preparada para combater o pecado e não ser praticante do pecado, visto que o pastor evangélico tem sobre si a responsabilidade de fazer cumprir os bons costumes assim também de exortar as pessoas sobre o porque de não pecar, ou seja, das recompensas que receberão se resistirem ao pecado e as terríveis conseqüências que sofrerão aquelas que contrariarem os mandamentos divinos, a propósito:

Então alcancei a casa de Tull. Sua filha menor saiu e me chamou quando eu passava. Disse que ela já estava morta. (...) Eu pequei, Ó Senhor. Tu sabes da extensão do meu remorso e a vontade do meu espírito. (...) Foi Ele em sua infinita sabedoria que impediu o relato de seus lábios moribundos enquanto estava rodeada por aqueles que a amavam e nela confiavam. (FAULKNER, 2001, p 155).

Atitude covarde de um homem que dizia ser um representante de Deus aqui na terra, visto que usava o título de pastor como uma máscara para se esconder do homem que ele era. Fez mau uso desse título, aproveitando-se da confiança que as pessoas alienadas depositara sobre ele.

O homem na maioria das vezes não concorda que é alienado e que faz uso de máscaras para se esconder da podridão que se encontra. Não aceita mudança, ou seja, a diminuição do ser pelo condicionamento social, fragilizando-se, transformando-se de ser humano para um “monstro”; não que ele escolha essa situação, e sim encontra-se condicionado a ela. Mas, em grande parte, atribui a culpa aos outros, na sociedade, em Deus, etc..., não olha para dentro de si, procurando se auto analisar, para o reconhecimento de seus próprios erros e falhas, não aceitando ser criticado.

Remete-se assim, todas essas questões acima colocadas para dentro da obra de William Faulkner e nota-se que seus personagens se encaixam em todas as questões levantadas, sendo Anse o alicerce da família que projetou-se dentro de uma classe social que almejava, porém o tempo e as circunstâncias se encarregaram de mudar seus ideais, para o qual ele não estava preparado psicologicamente para suportar, pois não aceitava

os limites imposto pela sociedade, não compreendia que estava condicionado por uma sociedade capitalista e injusta, encontrando-se preso a um paradoxo de ser e ter, com a ganância de ter; “(...) Em nenhum lugar deste mundo pecaminoso pode um honesto, trabalhador homem ganhar alguma coisa. Quem ganha são os donos de lojas nas cidades sem nenhum suor, vivendo as custas de quem sua.” (FAULKNER, 2001, p. 96) preocupando-se com o outro, neste caso o vizinho Tull que se encontrava em melhores condições que ele, uma vez que Tull era homem de posses, possuía carroça requintada; “A carroça de Tull está ao lado da fonte (...) as rédeas enroladas no assento do cocheiro. Dentro da carroça há dois assentos.” (Ibidem, p. 10). O religioso Tull mesmo com tantas posses procurava oferecer ajuda a família Bundren, cumprindo com os princípios cristão.

Esta análise nos remete a uma reflexão sobre a nossa própria existência como seres humanos condicionados social e culturalmente, se estamos preparados para suportar as consequências de nossas escolhas, se encontraremos forças dentro de nós mesmos para superação dos nossos problemas existenciais, pois se existimos temos problemas. O ser humano está condenado a existência e a ser livre. Mas, até que ponto estamos preparados para enfrentar nossa existência e de sermos livres? Ou nos encontramos nas mesmas condições da família retratada por William Faulkner na obra analisada, em constante busca de algo, considerando-se que essa busca é infundável. Uma das busca que causa inquietação ao homem é saber se estamos preparados para o fim da nossa vida angustiante, apesar de que para Heidegger mesmo que a pessoa morra ela não deixará de existir, exemplo:

(...) a indicação da morte dos outros como tema sucedâneo para a análise ontológica da conclusão e totalidade da pre-sença repousa ainda sobre uma pressuposição que mostra um inteiro desconhecimento do modo de ser da pre-sença. A pressuposição reside em se acreditar poder colocar arbitrariamente no lugar da pre-sença qualquer outra, de maneira que se teria acesso nos outros àquilo que, na própria pre-sença, não se deixa experimentar. (HEIDEGGER, 2000, p. 19)

HEIDEGGER nos afirma que mesmo que uma pessoa morra, ela continuará existindo no mundo, ou seja, as lembranças, as imagens dessa pre-sença permanecerão na memória daquelas que ficam, não sendo possível substituí-la por qualquer outra pessoa. Tudo que se traz a existência jamais deixará de existir, até mesmo uma palavra

lançada no mundo será capaz de voltar atrás, ela permanecerá na memória das pessoas que a ouviu.

Chegamos a conclusão que o homem não entenderá a noção existencialista da liberdade, pois mesmo sendo livre sempre se deparará com as condições imposta pela sociedade seja ela capitalista ou não. Como disse Sartre “A desgraça do homem é ser temporal (...) Um homem é a soma de suas próprias desgraças” (BRASIL, 1992, p. 124).

Observa-se que essa experiência horripilante que a família Bundren passou serviu como experiência para os mesmos, considerando-se que o sofrimento leva o homem a adquirir experiência, resultante a isso, depois de terem sepultado a matriarca da família, cada um dos membros seguiu sua vida de maneira individualizada, limitando-se a se preocupar com seus problemas pessoais. Anse compra uma dentadura nova e se casa novamente. Dewey Dell continua a procura do medicamento abortivo, no entanto Darl foi preso e levado para Jackson por acreditarem que estaria louco, ou seja, cada um deu um rumo diferente em sua vida, isso não significa que findaram os conflitos existenciais, mesmo porque continuaram vivos, e partindo do prisma que o ser humano é um eterno devir, então os conflitos existenciais sempre subsistirão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da obra *Enquanto Agonizo* (1930) de William Faulkner, pode-se constatar que o homem vive num angustiante conflito existencial, sempre buscando resposta para justificar sua existência no mundo. Essa busca é interminável, partindo do ponto de vista que mesmo que o homem morra ele continuará a existir, pois sua pre-sença subsistirá, uma vez que é impossível substituir a pre-sença de uma pessoa com outra pessoa ou qualquer outro objeto.

Através desta análise, entende-se que o homem pós-moderno tem o livre arbítrio para tomar suas decisões sobre sua vida, mas essa mesma liberdade leva o à condenação, ao tomar decisões equivocadas. Diante disso, observa-se que o homem tenta fugir da sua liberdade, escondendo-se na religião, ou atribuindo as suas atitudes medíocres e hipócritas no sistema social e cultural que se encontra inserido, procurando a comodidade e o descanso de uma vida passiva, sem ação e reação, esquecendo-se que o ser humano está condenado a existência e a ser livre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Assis. *O romance da vanguarda/Joyce e Faulkner*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- FAULKNER, William. *Enquanto Agonizo*. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Mandarin, 2001.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 12 ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- _____. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 7 ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. História, Teoria, Ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: 1991.
- NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e Anti-Humanismos – Introdução À Antropologia Filosófica*. 5 ed., Petropolis: Vozes, 1978.